



Trabalho apresentado no XXII Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil

RODA DE IMAGENS COM CRIANÇAS ABRIGADAS: UMA PRAXIS PSICOLÓGICA

Vera Lúcia Barros e Melissa Tavares

2014

O presente trabalho apresenta os aspectos teóricos decorrentes da experiência que tivemos no projeto desenvolvido em uma instituição de acolhimento para crianças no Rio de Janeiro. Dentre os temas que emergiram dessa prática, destacamos o campo de influência, o *locus* formado pelo encontro psíquico, como sendo o tópico a ser desenvolvido após uma descrição do projeto e suas fundamentações teóricas.

O Projeto Roda de Imagens é uma proposta psicossocial que teve como base metodológica o trabalho do analista junguiano Roberto Gambini, cujo projeto com sonhos de crianças nos inspirou a desenvolver essa prática.

Buscamos contribuir para o despertar do interesse dessas crianças pela realidade psíquica por meio da experimentação da dimensão onírica e de seu efeito terapêutico. Apostamos que reconhecer e valorizar os sonhos e demais imagens psíquicas das crianças permite o contato com o que é significativo para elas. O vínculo afetivo que aí se forma é permeado por uma sensação de acolhimento, pois a dimensão inconsciente manifesta nos sonhos e fantasias nos leva a experimentar aspectos comuns a todos nós e possibilita a reconstrução da confiança em si e no outro.

O material produzido durante o trabalho é de particular riqueza e nos permite contribuir para uma leitura da alma infantil brasileira em estado de vulnerabilidade. A importância social da pesquisa está configurada na necessidade de darmos voz aos abrigados e às suas produções inconscientes.

O mecanismo de acolhimento institucional é de grande importância no sistema de proteção às crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade. Com vistas a favorecer o desenvolvimento integral dos seus abrigados, sua atuação tem sido objeto de constante reflexão e atualização pelos órgãos públicos e compreende não só os aspectos objetivos do cuidado, tais como proteção e moradia, como também apreende os aspectos subjetivos e afetivos. Por força normativa, o abrigo deve oferecer um ambiente continente e afetivo que ajude as crianças e adolescentes na sua estruturação psíquica e que contribua na inserção destes na vida comunitária, educacional, profissional e, se possível, no retorno à convivência familiar. Essa é uma tarefa difícil que diariamente se defronta com o sofrimento de crianças e adolescente ressentidos pela experiência de abandono ou violência doméstica.

As crianças institucionalizadas têm sua autoestima afetada pelo ingresso na instituição e por todo o ocorrido em suas vidas até aquele momento, donde surge a preocupação com a formação de um vínculo afetivo na instituição. O vínculo que se busca formar precisa ser

compreendido na interseção entre a vida da criança, que remonta à fase anterior à sua institucionalização, e sua inserção no grupo.

A formação do vínculo com os cuidadores é de extrema importância, mas apostamos que o vínculo entre as crianças é de uma qualidade especial que permite sentirem-se parte de um grupo. Esse vínculo horizontal ou fraternal, afinal, é a base do *socius*, daquilo que nos atrai a vivermos juntos e a compartilharmos de uma mesma cultura. Uma relação que requer a implicação individual com o todo e que se constela em meio às demais, como que em um diagrama de forças. O vínculo fraterno não substitui os outros vínculos, se soma a eles. É uma dinâmica que coexiste com a autoridade da hierarquia e com ela não se confunde. Essas crianças sofreram abuso ou violência por aqueles com quem mantém a relação afetiva primária e talvez por isso o desejo por novas relações verticais lhes seja tão acentuado. Nessa via que prioritariamente busca a reinserção das crianças em um sistema familiar, ainda que adotivo, o pano de fundo da vida no abrigo é uma espera por ser escolhido por novos pais ou ser recebido pelos de origem, e torcer para nunca mais ser devolvido ao abrigo, realidade esta que infelizmente se repete.

Nossa aposta foi a de as relações fraternas, por serem mais igualitárias, permitem a sensação de participação ativa na construção do vínculo e, uma vez conquistado o laço social, a psique individual experimenta a sensação de alargamento, pois percebe que não se encerra em

si mesma, passa a ser também tudo o mais com o que se relaciona. Trabalhar esse vínculo com as crianças abrigadas é de particular dificuldade, pois além de lidar com os processos autocentrados comuns da infância, ainda é preciso encontrar um caminho que trafegue por entre as disputas individuais por atenção do cuidador. Acreditamos que um importante fator para a construção desse vínculo é a existência de um espaço em que haja a permissão da expressão e o acolhimento dos sentimentos de cada uma das crianças.

O trabalho com a Roda das Imagens é um projeto alinhado com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (CONANDA, 2009) pois é um instrumento de individualização da criança em situação de acolhimento institucional que visa proporcionar experiência reparadora à criança na medida em que atua no fortalecimento de seus vínculos afetivos. Ao mesmo tempo em que esse projeto está inserido nas diretrizes públicas, ele inova ao buscar o fortalecimento das relações possíveis de serem vividas nos abrigos. Enquanto os princípios do sistema de abrigamento confere primazia à reconstrução dos vínculos familiares (relações verticais), a Roda de Imagens é uma aposta no grupo e suas relações horizontais. Isto porque o sistema jurídico tem o abrigamento como uma situação temporária, sempre na busca pela reinserção daquelas crianças em um novo lar, esforço esse de inegável importância. Mas é preciso que também se reconheça que essa é uma

situação de “espera por ser escolhido”, de um momento presente vazio de qualquer outro sentido que não o de esperar por esse futuro tão incerto, uma condição em que não há nada que a criança possa ativamente fazer para a construção de uma história de vida satisfatória.

A Roda de Imagens visa o presente, aposta que ele tem um significado especial para cada criança e que os vínculos afetivos desenvolvidos em instituições de abrigamento são não apenas possíveis, mas desejáveis como forma de estruturação individual e construção de suas histórias pessoais. Essa prática pretende ser um espaço em que a produção imagética seja acolhida e valorizada pelo compartilhamento com o grupo, agindo na construção de um ambiente que favoreça o fluxo das dinâmicas psíquicas individuais e coletivas.

A atividade proposta para as crianças é a produzirem desenhos e relatos como forma de expressão de seus sonhos ou fantasias, sendo esse material de grande significado para cada uma delas. A compilação dessa produção é uma inscrição de suas experiências e deve compor os registros individuais que são expressamente incentivados pelas políticas públicas vigentes.

O trabalho apresenta muitos desafios decorrentes da condição de abrigamento, dentre os quais destacamos a necessidade de encontrar apoio por parte da instituição e a dificuldade dessas crianças se perceberem como grupo. Além das disputas entre elas e certa resistência ao

envolvimento afetivo, há uma rotatividade em que a qualquer momento alguma das crianças pode ser adotada ou uma nova criança pode ingressar na instituição. E justamente em função desse cenário de tantas incertezas é que pudemos perceber a intensidade do trabalho com as imagens enquanto prática de mobilização que permite a formação de um intenso campo imaginal que favorece a emergência de questões pessoais, de elementos coletivos da instituição em que se encontram e reflexos do momento sócio-histórico em que vivem.

De início o projeto se chamava Roda de Sonhos, pois inspiradas pelo trabalho de Gambini, esperávamos trabalhar exclusivamente com as imagens oníricas. Mas o grupo tinha muitas imagens que queriam partilhar e apenas algumas delas eram sonhos. Fomos surpreendidas pela clara demanda daquelas crianças por trabalharmos suas fantasias e outras imagens que lhes eram urgentes.

Mudamos o nome do projeto que passou a ser Roda de Imagens. Partimos dos sonhos e passamos a trabalhar com todo material imagético que nos fosse apresentado, sonhos inclusive. Dar expressividade ao inconsciente através de sua própria linguagem, as imagens, é canalizar a potência dessa energia que é fonte de criatividade e de autoconhecimento. Em seu trabalho com sonhos, Gambini aponta a relevância de um espaço em que a criança possa compartilhar suas produções inconscientes não como uma técnica terapêutica, mas como uma potente forma de

relação com o inconsciente. O inconsciente gera a predisposição para transformar e se vincular, e mais que isso, Gambini aponta que ele é a via de acesso à experiência da vida. Uma abordagem que tenha por ingrediente algum conteúdo apresentado pelo inconsciente tem a qualidade da autenticidade e apresenta um sentido que é da ordem da experiência interna e não da razão. Permite o contato com o que é significativo para as crianças. Atuando na estruturação psíquica, favorece que o sujeito consiga dar conta de seus medos e angústias, cujas intensidades são diminuídas quando expressas em desenhos e relatos. O trabalho se concentra em deixar emergir o jeito único, em conhecer o estilo de cada criança que muito vai dizer sobre sua forma de experimentar a vida.

Apostamos que reconhecer e valorizar as imagens, entendidas como sendo uma das dimensões do humano, é realizar maior acolhimento da criança favorecendo um nível de vínculo afetivo mais profundo. Para elas, aproximar-se de suas produções imagéticas é aproximarem-se de si mesmo e também do outro, pois o compartilhamento dessas imagens espontaneamente revela aspectos comuns que facilitam a identificação entre o grupo. O vínculo entre as crianças possibilita a reconstrução da confiança e funciona como dispositivo de empoderamento. Numa relação fraterna eu sou escolhido ao mesmo tempo em que escolho meu par, há uma equalização de forças que possibilita a experiência de bem estar no mundo em

contraponto à luta que emerge das relações hierarquizadas. As relações sociais formam um entrelaçamento das individualidades e o inconsciente coletivo, como conceituado por Jung, é um produto da humanidade. Daí a sensação de pertencimento que emerge desse trabalho e que tanto valor pode ter para a implicação das crianças com as questões coletivas e pessoais.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nosso grupo iniciou o trabalho com 6 crianças, sendo 3 meninas e 3 meninos, com idades que variam de 6 a 12 anos. No terceiro encontro uma menina retornou à instituição e ingressou no grupo. No quinto encontro, dois irmãos se afastaram, pois em processo de adoção internacional, foram passar pelo período de experiência com a família adotante. Neste ínterim o novo educador da instituição passou a participar da Roda. Um mês depois os dois irmãos retornam à instituição uma vez que o processo de adoção não foi concluído porque a adaptação com a “nova família” fracassou. Não pretendemos neste artigo entrar em uma análise detalhada dos casos, mas podemos notar que neste curto espaço de tempo foram muitas as alterações, idas e vindas das crianças e isso tudo reflete na inconstância dos vínculos emocionais. A possibilidade de ruptura dos laços afetivos gera aflição e insegurança que

muitas vezes são manifestados em comportamentos agressivos.

A proposta do trabalho pode ser posta em cheque a cada encontro. As relações afetivas são instáveis e as referências familiares frágeis. Desafios operacionais emergiram com frequência. Dentre os impasses gerados no decorrer da execução do projeto ressaltamos a necessidade de as psicólogas revisarem o projeto idealizado para construir uma prática em função da demanda que estava em jogo.

Logo no início, percebemos as dificuldades no campo decorrentes de apenas algumas crianças trazerem material onírico, mas todas desejarem participar do relato. As crianças se mostraram ansiosas, pois ao não se lembrar dos sonhos não possuíam aquilo que sabiam ser desejado pelas psicólogas. Ficaram nervosas, umas caladas, outras muito agitadas e claramente agressivas com aquelas que nos traziam os sonhos. Nesse início percebíamos o desejo intenso pelas relações verticais, o agradar às “tias” e tentar conseguir o máximo de atenção individual, relegando as relações fraternas à competição com par, ou seja, o fraterno se encontrava embotado pelo hierárquico-paterno.

Fez-se necessário criar condições para que o grupo se formasse ao mesmo tempo em que essas crianças tinham produções imagéticas que queriam compartilhar. A partir de então alteramos a prática e uma criança de livre e espontânea vontade contava um sonho e todos do grupo eram

convidados a desenhar essa narrativa onírica. Com isso, aqueles que não se lembravam dos seus sonhos não se sentiam diminuídos, pois sua participação era necessária. Nesta atividade podemos perceber a produção onírica coletiva, abrimos espaço para emergência do imaginário coletivo. O sonho deixou de ser apenas daquele que o narrou. As crianças demonstraram grande interesse pelo sonho narrado, de alguma forma cada uma delas se sentia tocada por algo e vimos o começo de um campo único do qual todos nós começamos a partilhar.

Inicialmente as narrativas foram gravadas com gravador de voz, em alguns momentos eles ouviam as suas falas, o que lhes dava grande prazer. Mas provocou agressividade naqueles que momento não ouviam a sua própria voz. O espaço proporcionado ao outro provocou reações de raiva e muita agitação nas crianças que não estavam na vez de se escutar, o que pode ser pensado como uma sensação de aniquilamento e desespero. As crianças gritaram e brigaram entre si, num movimento de afirmação de uns frente aos outros. Optamos neste momento do desenvolvimento do projeto em suspender a atividade de gravação da voz. Como precisávamos do material narrado, retornamos à metodologia usada no projeto de Gambini e passamos a escrever a fala da criança no momento em que ela ocorria. Invertemos os papéis nos quais as crianças estão acostumadas. Agora ela fala e a “tia” escreve. A posição ativa e a percepção do olhar de respeito e valorização de sua produção funcionaram como fatores

fundamentais para o fortalecimento da autoestima abrindo caminho para a construção de terreno subjetivo que permite o desenvolvimento da potencialidade do indivíduo. Este método surtiu efeito e permitiu que a dinâmica do projeto continuasse a fluir.

Convidadas a narrar um sonho, muitas vezes o que emergiu durante a roda não foi o material onírico e sim, fantasias. A criança tem necessidade de externar o acontecido em sua vida de vigília, permeando com dados da fantasia. Emergiram imagens que falavam dos valores culturais e do contexto social em que vivem essas crianças. Trouxeram, assim, suas impressões do mundo, sua história de vida, seu mito. A partir desse alargamento do objetivo do projeto, mudamos a dinâmica para que na primeira parte do encontro cada uma das crianças fosse convidada a compartilhar um sonho ou fantasia com todos. No segundo momento, cada uma escolhia qualquer dos relatos do dia para o registro em desenho. Quando um dos relatos tocava em momentos de tristeza e de maus-tratos, era comum que as demais crianças escolhessem esse tema para desenhar, em lugar de seu próprio relato. Ou ainda, vimos o espontâneo desejo de desenhar o relato de todos os amigos, dividindo a folha em partes iguais e fazendo a expressão individual dos relatos compartilhados. O vínculo entre eles que era marcado pela rivalidade mudou de vetor e aos poucos plasmou um campo psíquico intenso e de afetos positivos. Nesse

momento dos trabalhos uma nova imagem surgiu nas narrativas: a do amigo.

Restringimos o escopo do presente trabalho a transmitir a experiência de vínculo que tivemos, e foi objeto de outro texto a análise dos conteúdos que permearam essa atividade de modo recorrente como, por exemplo, rejeição na escola, desejo de ter amigos, ter uma mãe bruxa, fugir de casa, sentir fome, ser uma criança fedorenta, ter uma casa destruída, desejo de ter um cachorro, etc. Considerando que a nossa proposta é de dar espaço à produção do inconsciente apostamos nas imagens que nos eram apresentadas, fossem sonhos ou fantasias, elas dizem muito sobre as crianças e da dificuldade que encontram para se aproximarem de seus conteúdos psíquicos.

Observamos que nas dolorosas histórias contadas pelas crianças, era imperioso haver um final feliz que aparecia de súbito e era desconectado de toda a narrativa. Em nossas supervisões com o psicólogo Marcus Quintaes, que nos acompanhou ao longo desse trabalho, ficou claro que esse final feliz fantasiado é a condição da possibilidade do ato de narrar, a forma encontrada pelo psiquismo da criança para suportar o seu mito pesado e sofrido. Dar voz a essa fantasia é uma maneira de liberar a libido num sentido ativo de realização do potencial ainda não desenvolvido em razão das dificuldades enfrentadas por esses indivíduos em formação.

CAMPO DE INFLUÊNCIA PSÍQUICA

Fizemos a compreensão teórica do campo psíquico formado ao longo do trabalho tendo por base a concepção de que não há um vazio entre as pessoas, que estas estariam conectadas de diferentes maneiras, à luz do que Andrew Samuels denominou de rede de imagens. Essa perspectiva que trata do compartilhamento do inconsciente, e que se afasta da ideia de transferência, é ressonante à experiência que tivemos em que realmente nos sentimos parte de um mesmo meio, não sendo possível determinar com precisão onde termina a psique individual de cada um e onde se inicia sua dimensão coletiva compartilhada. Essa abordagem é bastante pertinente às relações fraternais por sentirmos que afetamos e somos afetados a todo o momento e, portanto, não basta dar conta das questões individuais apenas, é preciso nos implicar com toda a dimensão psíquica, inclusive a coletiva.

As crianças demonstraram interesse pela Roda em todos os encontros e rapidamente se formou um campo psíquico intenso que permitiu o reconhecimento de sermos um grupo, compartilhando imagens conscientes e inconscientes, continente do sentimento de pertencimento. Com o campo relacional estabelecido foi possível perceber relações multifacetadas de vínculos entre os integrantes da Roda de Imagens. As trocas afetivas tiveram ressonância na psique das psicólogas.

Ilustramos as relações vividas com a descrição de dois momentos em que fomos levadas a refletir sobre o campo psíquico em que estávamos inseridas, em busca da compreensão daquilo que nos despertou profunda atenção. Nomeamos esses momentos como Cachorro Leite e Persona.

Persona

A menina que ingressou no grupo no terceiro encontro após o início das atividades não aderiu de pronto ao convite de narrar e desenhar: ela preferia escrever. No primeiro encontro do qual participou, enquanto as demais crianças narravam ela se debruçou sobre um caderno pautado e pôs-se a escrever sem interrupção. Quando convidada a fazer sua narrativa ela orgulhosamente pegou seu caderno e leu a história que havia escrito. Após as demais narrativas, agradecemos o compartilhamento e convidamos todos a fazerem um desenho da imagem que desejassem. Ela se absteve de desenhar nesse e também no encontro seguinte.

G., como passaremos a nos referir a essa menina, é irmã mais velha de outra que permaneceu todo o tempo na atividade. Nas primeiras sessões, em que G. estava em um lar adotivo provisório, sua irmã C. logo expressou sua capacidade de liderança e material onírico que enriqueceu muito a dinâmica do grupo. A cuidadora da Instituição nos informou que C. era muito geniosa e “danada”, mas que a irmã G. era boazinha. Com o retorno de G. à instituição e seu

ingresso na Roda de Imagens, foi imediata a mudança de atitude de sua irmã que passou a ficar ansiosa. Não presenciamos conflito entre as duas irmãs, mas tampouco afeto. Elas não escolhiam sentar próximas uma da outra ou falavam entre si. Uma das psicólogas desenvolveu uma contratransferência positiva com C. desde o início dos trabalhos e curiosamente, assim que a irmã ingressou no grupo, esta manifestou um desejo intenso de que essa mesma psicóloga lhe desse atenção especial, convidando para sentar ao seu lado, dando-lhe abraços e querendo escrever longos textos para que fossem lidos por ela. A outra psicóloga esteve presente em todas as sessões, mas não houve qualquer demanda de G. dirigida a ela.

G. encontrou muita dificuldade em se ligar às relações horizontais, seu desejo era somente pela atenção da psicóloga. Tampouco as demais crianças demonstravam interesse por sua leitura do texto bem pensado de narrativas que tratavam de realidades perfeitas em que tudo era bom e belo. Enquanto G., rotulada como “boazinha” pela instituição, contribuída com imagens de perfeição, sua irmã C. exercia a função de manifestar a sombra, as dores e dificuldades da psique. A persona de G. estava no comando e sua caracterização de menina boazinha impedia que entrasse em contato consigo mesma, e consequentemente com os outros. Apesar de todo o seu esforço em agradar, a psicóloga em questão desenvolveu uma contratransferência

negativa em relação à G. se incomodando com seus carinhos insistentes.

Conforme apresenta Mario Jacoby, todos precisam de uma ressonância empática para nos sentirmos reais para os outros e para nós mesmos. G. parecia buscar por uma ressonância de sua existência, encontrar alguém que se alegrasse pelo fato dela existir. É possível que G. fantasie que sua existência só possa ser aceita caso seja uma “boa menina” e ela parece se esforçar demais para isso, fazendo tudo corretamente, mas sem colocar-se em suas produções. Nessa empreitada supra-humana em ser somente boa pouco poderia acontecer à potencialidade de suas relações horizontais e à ativação de sua lógica do coração.

Ao longo dos encontros, contudo, G. percebeu o interesse que o material trazido por sua irmã despertava. Aos poucos começou a participar da produção de desenhos e nos surpreendeu com uma produção em que narrava como a administradora do abrigo havia salvado ela da lama e como, depois, ela também salvou essa mesma pessoa da lama. Nesse dia, G. escolheu se sentar em meio às crianças sem se importar em ficar ao lado da psicóloga.

Cachorro Leite

Durante as atividades um menino que vamos chamar aqui de A. mostrava-se agressivo e agitado. Não suportava escutar o outro, mantendo-se numa postura provocativa, o que acabava por gerar brigas entre as crianças. Em suas narrativas pode ser notado as imagens de

violência física e moral como, por exemplo, histórias de brigas com colegas na escola e carência de amigos.

O comportamento desse menino gerou preocupação na equipe de psicólogas. Fez emergir a indagação de como lidar e trabalhar com A. que afetava o funcionamento de todo o grupo. Essa reação afetiva de preocupar-se em especial com essa criança revela a porosidade do psiquismo, principalmente onde se apresentam relações permeadas pela empatia.

Reações imaginativas também tiveram espaço, conforme podemos notar no relato da psicóloga:

“Ao caminhar em direção ao Abrigo para mais um dia de trabalho com a Roda de Imagens, uma fantasia vem a mim: levar o meu filhote de cachorro para as crianças se sentirem felizes.”

Percebe-se que o campo de influência constelou na psicóloga um desejo de trazer alegria ao grupo de crianças, uma forma de compensar a dor da solidão que vivenciam. Neste mesmo dia, logo no início das atividades, A. nos conta um sonho onde apresenta o desejo de ter um cachorro:

“Era uma vez um menino chamado Imbecil que sonhava muito em ter cachorro, mas a mãe dele disse que ficava muito longe e que dava muito trabalho. O menino teve uma ideia, ele colocaria a comida para o cachorro e também jornal para ele fazer cocô. Deve ser um cachorro esperto. A mãe concordou, pegaram o carro e

foram à loja. Escolheu o cachorro preto que se chamava Leite, uma fêmea”.

Ao final do relato, A. fez o desenho do cachorro e presenteou a psicóloga. Tia é pra você, você quer?

Experiência da conexão inconsciente estabelecida entre o psiquismo da psicóloga e A.. Foi um momento de intensa emoção poder vivenciar empiricamente a comunicação inconsciente, perceber que naquele instante, não havia separação entre o que é meu (a fantasia) e o que é de A. (sonho). O campo de influência estabelecido permitiu uma mistura de almas. O mais impressionante é que A. nomeou o cachorro, uma fêmea de cor preta, com o sobrenome da psicóloga - Leite. Vale ressaltar que o menino desconhecia o sobrenome da psicóloga.

A imagem do cachorro apresenta a mistura de almas desencadeada nas relações afetivas promovidas pelo trabalho da Roda de Sonhos. Relação permeada pela empatia e atenção ao estado emocional.

CONCLUSÃO

Esse é um projeto em andamento e sentimos que mais elaborações teóricas precisam ser feitas. A experiência tem sido muito gratificante para as psicólogas que puderam atestar a intensidade que um grupo de imagens pode ter quando se encontra a disponibilidade para o encontro psíquico.

A dinâmica com as imagens se mostrou flexível o bastante para dar conta das vicissitudes do trabalho com crianças abrigadas de modo que as dificuldades em campo puderam ser assimiladas de forma a passarem a contribuir para a riqueza do material produzido.

Percebemos também a importância do trabalho do vínculo entre os pares nessas instituições de acolhimento como sendo um caminho factível para a conexão dessas crianças com o mundo em que vivem. Acreditamos ser essa uma forma de se sentirem capazes de estabelecer relações equânimes, conferindo sentido à sua existência e a possibilidade de desenvolverem suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Gustavo (2003). **Notas sobre a Função Fraternal**. Revista Rubedo n. 39. Acessado, em 17 de dezembro de 2012: <http://www.rubedo.psc.br/08outrub/funfrate.html>

JACOBY, Mario (2011). O Encontro Analítico: transferência e relacionamento humano. Petrópolis: Vozes.

JUNG, C.G. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

SAMUELS, Andrew (1995). **A Psique Política**. Rio de Janeiro: Imago.

_____(1992). **A Psique Plural: personalidade, moralidade e o pai**. Rio de Janeiro: Imago

SCOZ, Beatriz (org.); BORGES, Aglael L.; CANEPA, Eda M.; GAMBINI, Roberto (2000). **(Por) Uma Educação com Alma: A objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem**. Petrópolis: Vozes.